



Crescimento desordenado e falta de emprego são os principais problemas enfrentados pelos moradores do bairro, que começou a existir como uma grande invasão

Saramandaia derrotada a violência

Exemplo de resistência nos anos 70, bairro nasceu e cresceu na base do sacrifício, mas ainda precisa de muita ajuda

JORGE LINDSAY

O bairro de Saramandaia, enclavado entre Pernambuco e Alto do Iguaçu, apesar dos cerca de 40 anos de existência, ainda é um dos mais carentes de Salvador. O censo de 2000 registra 32 mil habitantes, cuja maioria é de desempregados, não-alfabetizados, trabalhadores informais, mães solteiras e pessoas ociosas. O índice de desemprego beira 60%. Inserido na história das grandes invasões que marcaram o crescimento desordenado de Salvador, Saramandaia ainda se resente de infraestrutura básica.

Uma caminhada por suas ruas

e lácticas comprova que algumas obras foram paralisadas. Elas deixaram de ser concluídas porque, segundo líderes comunitários, políticos que ali angariavam votos não foram reeleitos, ou simplesmente não cumpriram as promessas. Terreno fértil para a violência, as carências costumavam explodir em homicídios e outros tipos de delito.

Em meio a essa sofrida realidade, uma preocupação permanente é a fama do bairro. Marcado por episódios de violência que chegaram a exigir ocupações policiais em suas ruas, em que adolescentes transitavam armados, Saramandaia vive atualmente

momentos de tranquilidade. O último homicídio ocorreu há cerca de um mês. No início desta semana, representantes dos moradores fizeram uma avaliação de Saramandaia, 35 anos depois. E foram lembradas as grandes batalhas pela construção do bairro, onde, certa vez, um grupo de resistência chegou a bloquear a saída de um secretário da Educação para conseguir a primeira escola. O saldo foi relativamente positivo, acreditam.

NO TOMBO - "Este bairro parece que só pega no tombo". Esta frase tenta mostrar que as coisas só evoluem no bairro através do

mecanismo da pressão. "Realizada uma obra, leva tempo para que outra seja feita" diz Marisa Santos Miranda da Silva, 60 anos, uma das primeiras moradores de Saramandaia. Ela acha que, apesar de algum avanço, o bairro corre o risco de estagnar. "Cada benefício exige uma articulação. Só que, nos tempos de hoje, as pessoas não têm a mesma predisposição de antes", avalia ela. A desamunicação do bairro pode ser comprovada também no preocupante número de habitantes, principalmente entre os jovens, sem registro de paternidade na certidão de nascimento.

A observação é da diretora da

Escola Marisa Baqueiro Costa, Nívea Souza Oliveira, que se preocupa com a baixa estima dos estudantes, afirmando que, diante das dificuldades socioeconômicas, eles carecem de atenção especial. "Muitas vezes a rebeldia está condicionada às sofríveis condições de vida. Mas vale a pena continuar investindo", avalia. A diretora revela que quando da instalação de cursos de alfabetização o interesse é grande. "As inscrições são preenchidas rapidamente e sobra gente, o que demonstra que a comunidade quer evoluir", completa.

Antônio Oliveira Carvalho, 32 anos, presidente da Associação

de Pais e Mestres, um posto avançado em defesa de Saramandaia, explica que o último censo realizado em 2000 revelou uma população de 32 mil habitantes. Nesse universo, as mulheres se sobressaem, sendo considerável o número das que hoje chefiam famílias. "A guerra pela formação do bairro e o desordenamento decorrente anularam qualquer possibilidade de planejamento familiar". Um luxo, diante de tantas carências. Ele reivindica a ocupação de amplos terrenos baldios, um deles, inclusive, junto a duas escolas, para a instalação de quadras polivalentes.



Maria Santos se queixa da falta de saneamento

Falta unidade de emergência

A gravidez precoce como o abandono do companheiro é uma constante. Rejeitada pela família, a mãe solteira, a jovem é obrigada a qualquer atividade para se sustentar e ao filho. V.E.S., 16 anos, já tem um filho, o pai desapareceu, e para não ser obrigada a sair de casa tem que se virar, fazendo bicos de qualquer maneira. "Agora vou ter que cuidar de mim e do meu filho", tenta se consolar.

Segundo a gerente da unidade de saúde municipal, Ana Maria, mensalmente são distribuídos em torno de 400 preservativos. "Atendemos às segundas e sextas-feiras à tarde. Os interessados recebem, além do material, orientações sobre doenças sexualmente transmissíveis e como evitá-las", explica Ana Maria. Diante das queixas de moradores de que o bairro não é dotado de unidade de emergência,

o secretário municipal da Saúde, Luiz Eugênio, explicou que Saramandaia integra o Distrito Sanitário Cabula/Beim e deve recorrer à unidade 24 horas em Pernambuco, onde há também atendimento ambulatorial que passou a funcionar até as 22 horas.

Contando apenas com as escolas Marisa Baqueiro Costa e Risolita Neves, ambas municipais, que atendem 646 alunos da 1ª a 4ª série e pré-escola, e ainda as escolas comunitárias São Francisco, Nossa Senhora das Mercês, ligadas à Associação de Moradores, e Chico Mendes, criada pela Paróquia de São Francisco de Assis, para crianças de 3 a 5 anos. As instituições contam com trabalhos voluntários e comportam-se pelo menos mais duas escolas para atender à demanda e combater a ociosidade juvenil.



Antônio Oliveira destaca importância de se educar o jovem

Nome do bairro foi inspirado em novela

A história e o nome do bairro de Saramandaia se confundem com a novela homônima da Rede Globo, exibida em 1976, onde despontaram os personagens de Dona Redonda (Wilza Carla), que explode no ar, do Gibão (Juca de Oliveira) cujo segredo era possuir asas. Lances de resistência e rivalidade entre moradores marcaram ficção e realidade. Dona Marisa Miranda hoje relembra sorrindo: "Cheguei aqui com o marido em 76. Era o Fazendão Pompílio. Só havia mato, bananeiras, apim, batata-doce e muita formiga e macuri", conta ela. Bem localizada, próxima aos novos shoppings e Rodoviária, era filé puro, alvo de fer-

renha especulação imobiliária. O aviso havia ecoado pela cidade: "Há um fazendão sendo invadido atrás da Rodoviária. Não havia instalação elétrica, era na base do fitô. A gente se comunicava com a cidade através de um rádio movido a pilhas", lembra dona Marisa. Em pouco tempo, mais de 50 pessoas começaram a ocupar o espaço, deflagrando a guerra. "Era a gente contra as polícias Militar e Civil. A gente levantara, eles derrubavam, mas o grupo foi aumentando e as maricagens e mosquitos também". Marisa explica que os primeiros moravam até debaixo de lona ou aproveitavam sobra de material

das obras da BR-324 para levantar barracos.

A batalha diária esbarrava em plenários da Câmara e da Assembleia, gabinete de prefeito e de outras autoridades. "A gente falava que era de Saramandaia e as pessoas não sabiam o que era nem onde era. Vale destacar o papel da Igreja Católica, fundamental na consolidação do bairro, presença constante", exalta. Um episódio pitoresco contado por ela e que caracteriza a tenacidade do pessoal foi como se conseguiu o primeiro prédio escolar para Saramandaia.

-Acho que foi no final dos anos 70. A gente queria falar com o secretário da Educação Afonso Barbuda. Chegamos cedo e di-

ziam que ele não estava. Ficamos ali, na porta do gabinete, e nada. Mandamos comprar pão e pedimos água para o lanche. Depois de muitas negativas, o secretário saiu da sala e foi para o sanitário. A gente foi atrás e ficamos na porta esperando. Quando ele saiu, não teve jeito, levou todo mundo pro gabinete e aí saiu a escola.

Todos acham que Saramandaia está de fato consolidada como bairro, "mas seria bom que sua população fosse vista com a devida atenção e regularmente recebendo os benefícios necessários ao seu desenvolvimento, sem que a gente tenha que voltar a conseguir as coisas no grito", diz Maria Miranda

Ações que transformam vidas

Circular pelas ruas e ladeiras do bairro há algum tempo era, para muita gente, uma temeridade. Brigas entre gangues explodiam. Quase semanalmente corpos apareciam crivados de balas. "As disputas eram rixas antigas dentro do bairro do que propriamente tráfico de drogas", lembra Antônio de Carvalho, da Associação de Pais e Mestres. A ocupação por parte das polícias Civil e Militar foi preciso para que a situação fosse controlada temporariamente.

Saramandaia é formada, praticamente, pelo Setor A (antiga Bole), nome também copiado da novela Global, Morro e o Largo, onde o bairro teve início. Para os moradores, já estão longe os tempos em que adolescentes andavam armados. Colabora para essa mu-

dança a Fundação Cidade Mãe, que envolve 680 crianças de 8 a 17 anos em ações comunitárias, incluindo o Programa de Irradiação do Trabalho Infantil (Peti). Segundo a técnica social Dilmeire Amorim, 149 adolescentes viviam nas sinaleiras vendendo para ajudar suas famílias.

Outro reforço é o Projeto Proteger, que combate a violência, principalmente a doméstica, contra a criança e o adolescente, em que, conforme os moradores, recebem apoio importante da secretaria municipal da Educação. Olívia Santana é de uma ONG. "Estamos ampliando ações nas áreas cultural e de lazer com apoio financeiro e técnico para combater principalmente a ociosidade", revela a secretária.